

anarquismo e sindicalismo — nota

rogério nascimento

Aqui segue a segunda parte de *Anarquismo e sindicalismo* de Florentino de Carvalho (1883-1947) com os seis artigos finais publicados no jornal *A Plebe*. Os seis escritos iniciais estão, reunidos como primeira parte, no número 38 de *verve*. Arrematando uma apreciação a esta segunda parte, inicio destacando a concepção de ser humano e de sociedade elaborada pelo autor: somos seres simultaneamente orgânicos, sociais e pensantes. Disto resulta a problematização das condições de existência na sociedade vigente, orientadas em princípios teológicos, autoritários e de exploração. Os meios de subsistência subtraídos dos produtores, através da organização econômica capitalista, tem como efeito restringir consideravelmente, aos setores populares, as possibilidades de acesso satisfatório à alimentação como também ao vestuário, moradia, educação, saúde, estudos e divertimentos. A exploração se sustenta no domínio político organizado pelo Estado moderno, o qual atualiza o teológico princípio de autoridade.

Rogério Nascimento é pesquisador no nu-sol e professor na Universidade Federal de Campina Grande. Contato: rogeriohznascimento@yahoo.com.br.

Somos seres sociáveis e não naturalmente maus. O homem lobo do homem hobbesiano, de procedência religiosa, não resiste à crítica anarquista. Florentino de Carvalho analisa, nesta segunda parte, as formas marxista e sindicalista do Estado diante do anarquismo. O Estado mais perfeito seria o mais interventor, açambarcador e coercitivo. Evoca a U.R.S.S como expressão dessa plenitude, destacando o grau aterrador de violências e brutalidades que esmaga individualidades e coletividades. O sindicalismo, por sua vez, é criticado por Florentino por suas próprias limitações: corporativista, economicista e como produto do capitalismo e do industrialismo. Ele não vê o sindicalismo como alguns anarquistas o concebiam. Se refere expressamente a Neno Vasco (1878 – 1920), importante militante anarcossindicalista. Mas também não execra o sindicalismo, como faziam alguns anarco-comunistas. Compartilhando com estes das críticas ao sindicalismo, Florentino entendia ser ainda possível a atuação anarquista nos sindicatos.

A atividade anarquista no sindicato deveria ser pedagógica: exercícios de gestão da vida social simultâneo ao enfrentamento do Estado, do capitalismo e do obscurantismo religioso. Deste ponto em particular discordavam os anarcossindicalistas, para quem o sindicato deveria se deter na resistência econômica, deixando de fora as questões políticas, religiosas, ideológicas entre outras. Para Florentino, esse posicionamento dos anarcossindicalistas tinha a ver tanto com um tributo pago ao marxismo, como também à repetição de erros acontecidos na Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1872). Um desses equívocos diz respeito à obsessão em reunir todos os trabalhadores nas associações operárias. Florentino identifica-

va nesse intento um disparate revelador do economicismo dos anarcossindicalistas, pois desdenhavam a importância das ideias, das concepções, dos conceitos cultivados pelos trabalhadores. As diferentes concepções políticas, religiosas, filosóficas e ideológicas não seriam anuladas diante da situação de explorado pelo capital.

Demonstrando uma mais acurada percepção da dinâmica social do poder, Florentino de Carvalho chega mesmo a evidenciar o entusiasmo do trabalhador explorado, em manter as condições da sociedade capitalista, por vislumbrar a possibilidade de ocupar o lugar de explorador. O sindicalismo, portanto, como também o Estado marxista, mesmo se estabelecendo a partir da busca por justiça social, não constitui uma linha reta de distanciamento quanto ao ponto inicial criticado. Constituem rapidamente em uma curva: cedo ou tarde retornará ao ponto inicial supostamente combatido por partidos e sindicalistas pretensamente revolucionários.

Por fim, chamo atenção para a apresentação do anarquismo feita por Florentino. Primeiro, o combate ao autoritarismo, ao misticismo e à exploração deve se dar desde o local onde se vive. Não há um lugar exclusivo ou com maior primazia para a resistência econômica, para as recusas de colaboração com o despotismo e para as instaurações da anarquia. Segundo, o anarquismo não é um catecismo cujas verdades estariam localizadas em personalidades tradutoras e monopolizadoras de seus princípios. A verdade, sempre relativa e não monofásica, deve ser resultado da interlocução constante e contínua entre todos. Terceiro, a questão social não deve ser apresentada, abordada, analisada a partir de uma perspectiva unilateral. Quarto ponto, para encerrar, recupero a concepção de ser humano e de sociedade de

Florentino, destacada no início destas linhas. Além de seres orgânicos e sociais, somos seres pensantes. Desta maneira não procede dar maior importância a um aspecto da nossa existência em detrimento dos demais.

Esta minha aproximação a esse visceral escrito de Florentino de Carvalho não substitui o estudo direto por quem tenha interesse. Poderia expandir e detalhar cada um destes aspectos indicados nestes parágrafos, além de outros não abordados, mas isso seria empobrecer a reflexão direta de seu pensamento social. Por esta razão paro por aqui. Boa leitura!